



TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO EMILIANO DE CAMARGO DAVID

[00:00:30]

[EQUIPE] Câmera? Tudo rodando? Áudio? Tudo rodando. Ok, Heidi.

[HEIDI] Vamos lá?

[EMILIANO] Bora!

[HEIDI] Te escuto.

[EMILIANO] Ah, é assim? (risos)

[HEIDI] É assim (risos).

[EMILIANO] Uau!

[HEIDI] Te escuto.

[EMILIANO] Tá.

Sabe que ontem eu te enviei uma mensagem perguntando sobre o roteiro. E aí você falou: “Não, não tem roteiro”. E eu pensei: Pô, mas é tão óbvio que não teria roteiro que... Que ideia achar que teria um roteiro! Mas ainda assim acho que eu não fiquei tão convencido, porque cheguei aqui ainda crente que eu receberia uma pergunta, que iria servir um tanto como roteiro.

Então, a mensagem “te escuto”, de disparador, ela é muito bem-vinda. Então, bem-vinda porque acho que eu tenho estado muito acostumado a ficar nessa posição de quem convoca o outro pra falar.

Então, “psicanalistas que falam” é algo que dialoga comigo, eu penso, porque sou falante, tanto na característica de vida, pessoal, mas também um pouco na prática.

E me tornei mais falante quando passei a trabalhar no quintal, que é: os CAPS [Centro de Atenção Psicossocial] infanto-juvenis, onde o cuidado em saúde mental se dá no quintal, se dá dentro da casa, em um equipamento, um serviço de saúde que é montado dentro de uma casa e que o espaço do brincar, do encontro, o espaço mais privilegiado do brincar é o quintal, que é um



território, assim, por dizer, de ampla fala. E de falas que acontecem com o corpo, de falas que acontecem com o olhar, de falas que acontecem na brincadeira e de falas daqueles que não falam pela verbalização. Crianças autistas que não necessariamente recorrem primeiramente à verbalização pra comunicar, pra falar. Então foram esses espaços, acima de tudo, que me ensinaram a escutar e a falar também.

E hoje, falando assim livremente, acho que é bom partir daqui, é bom partir do quintal, do quintal dos CAPS para pensar talvez outros quintais.

Meu nome é Emiliano – Emiliano de Camargo David – eu fui forjado em quintais. Em quintais principalmente do interior de São Paulo, que embora não foi onde eu nasci, mas talvez foram os quintais mais vibrantes que eu percorri. Em especial o quintal dos meus avós paternos, da minha avó Maria e do meu avô Geraldo.

[00:05:20] Um quintal onde ele se dividia em: metade um quintal de cimento e metade um quintal de terra, onde o meu avô, quem podava esse quintal, e ele tinha um mato, um mato que era o que ele chamava de “tiririca”, e ele podava de um jeito a retirar o que ele chamava de “batatinha”, que era de onde surgia aquele matinho, aquela grama. E ele dizia que se não tirasse essa batatinha, muito rapidamente voltava o mato a tomar aquele espaço pequeno, mas que pra uma criança parecia um espaço enorme. Mas hoje eu entendo que não era um espaço tão grande assim, como parecia. E ali tinham duas árvores muito marcantes, no fundo do quintal, uma jabuticabeira – que até hoje está lá – e mais à frente, assim, desse quintal de terra que ficava no fundo da casa, uma goiabeira. E então cada uma numa ponta e as brincadeiras se davam muito por ali. Isso na cidade de Araraquara.

E o outro quintal, da minha avó materna, minha avó Cléia, esse um quintal já cimentado, embora também houvesse uma árvore, uma mangueira, no fundo, e um quintal também vibrante, só que de uma organização outra... Elas tinham organizações muito distintas, as minhas avós.

Mas por que é que eu estou contando isso? Porque foi ali que eu aprendi a brincar, principalmente, junto aos meus primos, junto às minhas primas. E quando um psicanalista é convidado a brincar no quintal de um CAPS, de um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil, de alguma forma ele se revê brincante.

Então, foi muito importante eu ter brincado em quintais pra poder compor com um cuidado em saúde mental, uma psicanálise brincante, uma psicanálise que brinca, que se põe no quintal, que joga bola, que roda bambolê, que corre de pega-pega e pique-esconde, assim. Esse tipo de técnica humana, que é uma técnica de cuidado em produção de saúde e de saúde mental.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, por algum motivo, o início desse encontro fala também de um início da minha prática de vida e da minha prática na psicologia, na saúde pública, na psicanálise... Porque... Por que estou dizendo início? Porque a minha experiência se inicia, a experiência clínica, ela se inicia na saúde mental, mais especificamente na atenção psicossocial. É ali que eu considero que iniciou, mesmo antes de um serviço de psicologia aplicada, embora ali já houvesse uma escuta. Mas foi num estágio, em meados do terceiro ano de Psicologia, de um curso de Psicologia, que eu vi numa tabuleta, àquela época o estágio ainda era pregado em tabuletas na universidade e a gente ia até esses corredores para ver as vagas de estágio que estavam anunciadas. E eu vi lá que tinha uma vaga num CAPS. Eu nunca tinha ouvido falar em CAPS, em Centro de Atenção Psicossocial. Eu desconhecia. Era algo que não tinha sido ensinado na universidade, embora aquela vaga estivesse na própria universidade.

[10:27] E eu já trabalhava com saúde mental. Mas eu trabalhava dentro de um convênio médico, em algo que eu chamava, de forma jocosa, de telemarketing da loucura, porque... (risos). Porque era um convênio médico que ele tinha uma proposta que era um *case* de psiquiatria. Ele contratava estagiários de psicologia pra ficar numa baia, com um *headphone*, como se fosse um telemarketing. E ali você ficava numa posição que eles chamavam de ativo e passivo. Usavam os mesmos termos também do telemarketing. Então você recebia ligações e fazia ligações para os pacientes daquele serviço de psiquiatria. E ali – eu sempre tive essa voz meio rouca, e um nome que não é um nome que alguém imagina que alguém de 17 anos tenha. Então a voz rouca e ali, jovem, à época com 19 anos, as pessoas achavam que estavam falando com alguém mais velho, porque não sabiam quem estava do outro lado da linha, né? Eu estava ali terminando o segundo ano de psicologia, vendo matérias muito básicas e conversando com pessoas as quais eu também nunca tinha visto, eu só escutava a voz, literalmente. Isso era interessante pra escuta.

E como era um serviço que ele era considerado um serviço de alta complexidade: as pessoas precisavam ser acompanhadas diariamente e esse acompanhamento diário era feito pelo telefone, a gente anotava nos prontuários. E esse apoio diário subsidiava as consultas médicas e terapêuticas em grupo, mas que não era a gente que fazia. Então eu via os pacientes no corredor e eu ficava imaginando: “quem será que é esse?”, “quem será que é essa?”. E às vezes eu escutava na recepção o nome, e eu falava: “Nossa, então é ela que fala comigo!”. E isso também acontecia ao contrário. Por vezes alguém do corredor me chamava: “Emiliano!”. E aí então havia um susto, porque: “Mas é você, menino, que me liga dia sim, dia não?”. “Mas é você...?”. À época eu usava – eu tinha mais cabelo do que hoje – então eu usava tranças enraizadas, eu usava o cabelo de muitas formas à época e, absolutamente, não era essa a imagem que aqueles pacientes faziam e vice-versa também.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas a experiência foi importante pra eu entrar no CAPS, porque de alguma forma foi um primeiro contato que eu tive com o que até então se chamava pra mim de psiquiatria, porque quando perguntavam pra mim: “Você faz estágio em que?”. Eu dizia: “Eu faço estágio em psiquiatria”. Foi assim que era o nome da vaga, era assim que a universidade considerava. Embora esses estágios não eram estágios obrigatórios, eram estágios que eu mesmo procurei.

Mas quando eu tive contato com a atenção psicossocial, eu fui entender que não tinha nada a ver com psiquiatria, muito pelo contrário, muito pelo contrário. E o universo do SUS se expande. Eu começo no quarto ano a ter mais contato com a psicanálise, um momento do curso onde tem mais contato com a psicanálise, em relativa contraposição ao que se chamava na faculdade de psicopatologia. Então, eram duas aulas que estavam ali no mesmo período: a gente tinha aula de psicopatologia e a gente tinha aula de psicodinâmica – esse era o nome da aula. E elas falavam de fenômenos, que levavam por vezes os mesmos nomes, mas eram compreendidos de modo muito distinto.

[00:15:15] Isso foi bastante importante porque muito daqueles fenômenos eu vivia no Centro de Atenção Psicossocial. Mas eu tive a sorte de encontrar uma equipe com alguns psicanalistas: Marcelo Tavella, a Katia [Celina Gonçalves Ramos] a Cecília [das Neves Assumpção], que era uma médica, e que foram mostrando pra mim que a psicanálise fazia oficina de música, tocava violão... Esse psicanalista, o Marcelo, fazia um grupo de futebol, aonde a gente ia pra uma quadra na Vila Prudente jogar futebol. Então tem algo que eu sempre gosto de contar, que depois que a gente jogava bola e, evidentemente, ficava todo mundo suado, aí o psicanalista, as outras pessoas da equipe, iam tudo pro vestiário. E aí todo mundo ia tomar banho e ficava nu e tal e tal.

Então aquilo que na universidade muitas vezes eu escutava que era uma certa distância, que não era para receber... Me lembro de uma orientação tão estranha que o psicanalista não receberia... se recebesse algum doce, alguma coisa, não deveria comer, achava aquilo tão... E de repente eu estava vendo lá o psicanalista tomando banho, no mesmo vestiário, vestiário de quadra esportiva que não tem, não tem baia, não tem... Então foi muito importante saber disso desde a faculdade. Muito importante saber disso desde a faculdade.

Outra experiência com a psicanálise que foi muito primeira e que também foi fundamental – porque antes de ir fazer estágio na saúde mental, eu fui fazer estágio em departamento pessoal, no RH, no RH de uma empresa pública que era a Dataprev, empresa que fazia processamento de dados do INSS. E o meu supervisor era um psicanalista, um psicanalista no RH, o Antônio Albino. E ele, junto com – essa não uma psicóloga, não uma psicanalista, a Marisa, mas alguém também com uma escuta muito afiada, uma mulher gaúcha – me acolheram muito bem, de um modo muito cuidadoso. Mas ele dizia assim para mim: “Você é um clínico”. Foi a primeira pessoa que



PSICANALISTAS QUE FALAM

me disse que eu era um clínico. Eu não entendia muito bem por que ele estava dizendo isso, até que... Eu fiz estágio lá por dois anos, até que chegou um momento, ele disse assim: “A gente vai fazer uma atividade clínica aqui, a gente vai escutar as pessoas que foram afastadas por algum motivo de saúde e que precisam retornar pra cá, pro seu trabalho, são concursadas, precisam retornar”. E ele dizia: “Nem sempre o motivo do afastamento é ele em si. Então uma LER [lesão por esforço repetitivo] pode comunicar outras coisas, a gente precisa escutar, não tomar apenas a lesão no afastamento”. Eu também estava no início do curso. Eu não entendia o quanto de psicanálise havia nisso. E há muita, nesse tipo de convite pra um jovem que estava ali nos primeiros anos de psicologia.

Então eu considero que essa foi a minha primeira atividade clínica: escutar trabalhadores que precisavam voltar pro seu espaço de trabalho e que por vezes estavam desconfiadas, tinham medo, às vezes tinham sido violentadas, assediadas. Então, às vezes aquela lesão que: “Ai, eu não posso subir a escada”, conferia então uma condução pra um outro setor, pra uma outra equipe.

[20:00] Então essa clínica que se faz fora da clínica, que se faz dentro de uma empresa, que se faz numa quadra de futebol, que se faz... Eu acho que dei muita sorte de conhecer a psicanálise fora de um setting que seja considerado tradicional de início, isso foi bastante importante.

O Antônio Albino ele também vinha da saúde mental. Ele me contou, por vezes, que ele tinha trabalhado no Pínel, um hospital psiquiátrico que fica em Pirituba. E que foi reativado, eu tenho notícias, há um tempo atrás, infelizmente, esse hospital psiquiátrico. E ele também insistia muito, ele dizia: “Não vá pro RH, não vá pro RH, vá pra saúde mental”.

E acho que eu fui... não obediente, não se trata disso, mas escutei essa indicação. Então depois que eu fui pra esse convênio médico que eu já comentei e depois pra um CAPS adulto na Vila Prudente. Enfim, não quero gastar muito tempo nesse período, embora eu poderia ficar longamente nele, porque é um período inicial, é um período que eu estou chamando aqui de quintal.

Passado esse período, então, eu...

É engraçado, porque eu estou insistindo pra uma pergunta, tem hora que eu olho pra você, Heidi, como quem diz assim: “Agora ela vai me dar alguma indicação” [risos].

Mas outro aspecto ligado a “psicanalistas que falam”, que eu acho que é importante contar, é quando eu procuro a psicanálise pra me aprofundar teórico-conceitualmente, eu já estava formado em psicologia, e aí os meus pais sempre me apoiaram pra que eu pudesse estudar. E um apoio custoso, porque era um apoio que materialmente custava caro. Eu sempre fiz escolas privadas, escolas de bairro, no bairro do Limão, de onde eu nasci. E eu fui pra essas escolas desde



PSICANALISTAS QUE FALAM

muito cedo, minha mãe conta que ela teve pouco tempo de licença maternidade à época e precisou voltar pra trabalhar como caixa de banco muito, muito rápido. E então, muito rapidamente, eles precisavam pagar algum berçário, uma coisa assim.

Então, desde o berçário até o pós-graduação, foram com os meus pais subsidiando essa educação. Eu passo a receber para estudar no mestrado, quando nossos impostos públicos subsidiaram bolsas de mestrado e doutorado. Mas eu procuro uma especialização em psicanálise logo que eu me formo na PUC em São Paulo, em um curso de psicanálise e linguagem. E ali eu me dedico então mais a uma psicanálise francesa, lacaniana. E eu já tinha feito um Trabalho de Conclusão de Curso, um TCC da faculdade sobre relações raciais. Eu estava... As referências que eu tinha, que não eram os meus pais apenas, das pessoas da minha família que tinham estudado as dimensões mais sociopolíticas, elas tinham estudado raça, racismo no Brasil. E os estudos sociais sobre população negra.

[25:10] Então a minha tia Climene [Laura de Camargo], irmã da minha mãe, na enfermagem, ela estudou as relações raciais, mais especificamente no campo da infância, na enfermagem ligada à violência. Seu companheiro à época também, na economia e na sociologia. Uma outra tia no campo das letras, estava estudando a Conceição Evaristo, isso na década de 90, a minha tia Rosa, Rosa Laquímia [Rosa Maria Laquímia de Souza].

E esses quintais sempre debatiam as relações raciais, mesmo que fosse fora do campo de estudo, a discussão racial... É uma família negra e que estava sempre discutindo as relações raciais.

E esses quintais sempre debatiam as relações raciais, mesmo que fosse fora do campo de estudo, a discussão racial... É uma família negra que estava sempre discutindo as relações raciais. Então essa era uma questão que eu levei pra universidade, tanto na graduação e nesse pós. Mas eu vou falar desse pós e depois eu retorno à graduação, porque esse pós é em psicanálise. E foi lá que eu escutei pela primeira vez que isso não era um tema pra psicanálise. Foi nesse pós-graduação. “Você quer estudar racismo? Racismo antinegro, não sei se essa é uma questão pra psicanálise, mas se você for estudar, precisa ser com esse orientador”. E eu topei. E eu reprovei. Eu tive a minha monografia recusada.

Mas insisti, insisti ainda na psicanálise, mas numa psicanálise que conversasse com a saúde pública. Então eu... Não que tenha sido tranquilo reprovar, eu já tinha tido outras reprovações na escola, no ensino fundamental, e as reprovações nunca são tranquilas. Mas eu vou então para a Faculdade de Saúde Pública da USP e lá eu procuro uma psicanalista, a Isabel Marazina e conto essa história pra ela e a Isabel muito vibrante, uma força, uma verve assim. Ela diz pra mim: “Como? Te disseram isso? Isso é um grande equívoco, isso é um grande equívoco.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Essa é uma questão sim pra psicanálise”. Então eu apresento essa monografia pra ela e ela fala: “O trabalho está praticamente pronto”. Era um trabalho que já tinha sido entregue, mas ainda assim a gente precisava trabalhar. Não daria só pra pegar aquele escrito e apresentá-lo, então ela segue me orientando, a gente faz uma modificação ou outra na pesquisa, mas muito pouca. Mas naquele espaço a gente conversa mais sobre psicanálise, ela fala mais sobre a psicanálise na Argentina, que era uma psicanálise que até então eu nunca tinha ouvido falar. Ela me convoca muito a pensar as questões de classe, interseccionadas às questões raciais, que foi algo muito importante pra minha prática clínica, e não só na pesquisa, mas alguém que dizia pra mim: “Escute as questões de classe”. As questões de gênero não apareceram assim, embora a Isabel me deu um livro, um único livro que ela me deu, não que tenha sido pouco, alguém te dar um livro não é pouca coisa. Ela tirou um livro da biblioteca dela e ela me deu. É um livro que trabalha as questões de gênero. Talvez foi dessa forma que ela fez ali um certo tripé de transmissão, na intersecção entre raça, gênero e classe. É, eu nunca tinha pensado talvez nisso dessa forma, nesse modo de comunicar. E isso me recoloca ao lado da psicanálise, porque escutar que a questão racial – que era a minha questão – não era uma questão pra psicanálise, poderia ter me afastado, talvez pra sempre – pra sempre é muita coisa, mas poderia ter me afastado desse campo. Mas com a Isabel não, a Marazina permite que isso volte a fazer uma lateralização.

Mas voltando à graduação, ali na Universidade São Judas Tadeu, uma universidade de bairro aqui na cidade de São Paulo, na Mooca, uma universidade católica, eu tinha poucos professores negros. E os TCCs eles eram feitos em dupla. E a minha dupla ela também tinha um marcador racial, era uma pessoa nipo-brasileira, o que a gente costuma chamar “japonês”, o Takeo [Windisor Takeo Murotani]. Então tinha um orientador negro, que era meu único professor negro, o Luiz Antônio Lima, eu e o Takeo. E ousou dizer que essa pesquisa foi racializando a gente, esse trio, talvez. Era a primeira pesquisa sobre psicologia e relações raciais naquela universidade. E foi muito... um trabalho muito bem acolhido, muito bem acolhido.

À época eu estava lendo muito a Neusa, a Neusa Santos Souza, então eu também estava interessado na coisa da ascensão social do negro. Eu venho de uma família de trabalhadores, mas que atingiram uma classe média, uma classe média baixa e média, não atingiram uma classe média alta, mas uma classe média baixa e média e isso retirava parte dessa família de uma geração anterior que estava ali numa esfera mais ligada à pobreza. Então a questão da ascensão social era um grande tema na minha casa, na casa de alguns tios. Era um grande tema, porque: “Como se manter?”, com uma série de fantasmas – concretos e não, enfim... Então, isso foi pro meu TCC. E um TCC que versou muito com a psicanálise, sem dúvida nenhuma. E, junto a ele,



esse estágio no CAPS. Então esse período foi muito importante, muito importante. A psicanálise vem da graduação, passa por essa especialização *lato sensu*, pra chegar no atendimento, assim.

Quando eu me formei, tinha uma psicanalista de sobrenome Gatti, Ana Gatti. E ela dizia assim: “Não demorem a atender, quem quiser atender. Façam supervisão, análise, mas não demorem a atender. Se vocês acham que vocês devem atender iniciem, não esperem muito”. E eu também acho que segui essa dica.

E, logo que eu me formei, eu fui acolhido por quem me atendeu. Eu procurei a psicóloga que me atendeu, que eu sempre achei que era uma psicóloga, e pra minha surpresa eu encontro ela cursando psicologia, quando eu estava formado, mas que ela, quando eu era criança, foi apresentada a mim como uma psicóloga. Talvez a melhor fraude, porque ela fez um excelente trabalho de psicologia sem ser psicóloga. E eu sempre costumo dizer que acho que dei sorte de ter uma psicóloga que não era psicóloga também. Foram muitas sortes, pelo visto.

[00:35:00] Mas, a Rosângela, ela mais uma vez ela foi muito generosa, ela me acolheu e falou: “Vem atender aqui. Vem atender aqui!”. Ela tinha um espaço – NDG, Núcleo de Desenvolvimento Global, acho que era isso –, lá no bairro do Limão e ela falou: “Vem atender aqui”. A gente fez um acordo financeiro, uma parcela que ia pra ela, pro Núcleo e eu comecei ali a atender. E ele tinha um fluxo grande de atendimentos que tinham convênio com as escolas do bairro, era um espaço que já estava há alguns anos, e várias pessoas procuravam. Então eu comecei a atender bastante no consultório, fazendo supervisão. Então a prática clínica começa cedo no consultório particular.

Eu termino o estágio no CAPS e logo eu sou contratado pra trabalhar em algo precioso na saúde pública, que foi: as equipes de apoio matricial, que havia na Brasilândia, mas havia também em Sapopemba e eu fui trabalhar em Sapopemba.

E aí eu vou pra rua. Nesse momento as equipes de apoio matricial elas estavam lotadas [estabelecidas] contratualmente no Centro de Atenção Psicossocial, mas as matriciadoras e os matriciadores ficavam nas Unidades Básicas de Saúde e acompanhavam as equipes da Estratégia Saúde da Família pras casas, pras ruas, pro território como um todo: pro bar, pras vendinhas, pros pontos de uso de substância...

Eu tinha acabado de me formar, eu lembro que eu tinha ido comprar umas roupas de psicólogo [risos], umas camisas polo, umas calças xadrez, e aí eu fui para Sapopemba. E eu era um sujeito muito estranho com aquelas roupas ali. O pessoal me olhava assim, com muita estranheza. Mas eu sustentava, assim, o imaginário de um recém-formado de uma universidade que não me formou pra trabalhar na rua, que me formou pra trabalhar dentro de um consultório fechado.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então a minha formação ela é uma formação “SUSista”. Quem me formou, junto à faculdade, mas quem me formou principalmente foi o SUS. E essa formação, se eu contar o tempo de estágio, ela se deu por aproximadamente 13, 14 anos. Essa foi a minha maior formação. Foi ali que eu atendi na rua, nas esquinas, no quintal, nas UBSs, dentro das casas das pessoas – dentro de casas totalmente distintas: casas de lona, casas de madeirite, casas de tijolos, casas de uma classe média... Eu lembro que quando eu fui trabalhar na Brasilândia, território de uma hibridez econômica, socioeconômica, porque a gente atendia pessoas da Freguesia do Ó, de uma classe média. E a gente atendia pessoas do [Jardim] Elisa Maria, na Brasilândia. Por vezes, tinha uma ocupação ali próxima, que chamava Tribo, olha o nome! Na Tribo... Tribo 1, Tribo 2. A gente chegava a ter casas, moradas, né? Nomeio “casa” porque as pessoas diziam: “Você vai entrar na minha casa”, então eram casas, mas eram casas que tinham duas estacas de madeira e uma lona. E eu entrava ali pra fazer cuidado em saúde mental, pra fazer psicanálise. Pra fazer psicanálise, na atenção psicossocial, pra fazer cuidado em saúde mental, uma escuta psicanalítica.

[00:40:00] Enfim, essa escola ela é muito preciosa, assim, ter tido essa oportunidade, essa oportunidade foi muito bem-vinda.

Até que, um outro período importante para “psicanalistas que falam” foi encontrar... Foi voltar pra PUC, voltar pra PUC a partir da saúde pública. Porque eu estava trabalhando, como disse, no território da Brasilândia, a PUC tinha muitos estágios no território da Brasilândia. Esses alunos, alunas e alunes, eles iam pra esse território fazer estágio, e eu me tornei preceptor de um programa, o PET – PET Saúde, acho que é: Programa de Ensino ao Trabalho [Programa de Educação pelo Trabalho], uma coisa assim, alguma coisa assim...

Havia uma tutora da universidade, uma professora, que era a Maria Cristina Vicentin. A professora Elisa [Zaneratto Rosa] também. A professora Edna [Maria Severino Peters Kahhale]. Enfim, uma série de professoras ali, que estavam no PET. E essas alunas, a imensa maioria de mulheres, a gente recebia no CAPS. Só que tinha um pedaço que tinha que ir pra universidade, então tinha uma relação que também o trabalhador ia pra universidade. E ali, esse programa me põe de frente com a Maria Cristina Vicentin, que foi um encontro também de muita sorte, porque a Cris me acolhe, ressignifica a PUC a mim, não como um lugar de um trabalho reprovado, da temática étnico-racial sem importância, sem valor e interesse, mas pelo contrário. E ela diz a mim: “Por que você não vem fazer um mestrado? Por que você não tenta um mestrado?”.

E eu nunca tinha pensado em mestrado. A universidade que eu fiz à época nem tinha pós-graduação. Mas eu trabalhava numa equipe que grande parte dela tinha feito mestrado. Grande parte dela. Muitas das minhas colegas de trabalho vieram de universidades públicas ali, da equipe do CAPS, e elas tinham mestrado ou estavam fazendo mestrado ou falavam sobre mestrado.



Mestrado, doutorado... Então eu começava a tomar nota daquilo. Na minha família, naquele momento, na família mais próxima, apenas uma pessoa tinha feito mestrado e doutorado, minha tia, o que não é pouco pra uma família negra, mas é muito pouco. Então eu falei: “Tá, vamos conversar sobre isso”. E esses meus amigos ali do CAPS me ajudaram a ir montando um projeto, a escutar as questões que...

E eu volto pra querer estudar as relações raciais. Mas nesse momento eu já integrava o AMMA Psique e Negritude, à época um instituto. E o AMMA Psique Negritude – eu estou repetindo toda hora isso, mas, sinto muito, não tem como, as repetições fazem parte – foi um dos outros espaços de muita sorte, porque ali eu me deparo com a Maria Lúcia da Silva, com a Jussara Dias, com a [Maria Aparecida] Miranda... Ali eu fui apresentado pra Clélia Prestes, pra Eliane Costa, pra Eli como eu costumo chama-la, pra Lia Vainer Schucman, pro Marcio Farias, depois pro Deivison Faustino, pra uma série de pessoas que hoje são amigas e amigos.

E é ali que algo se abre em relação ao lugar, à importância... Porque até então eu encontrava pessoas que diziam para mim: “Isso é importante”, tal qual a Isabel Marazina, mas no AMMA ganha um caráter de uma instituição, de uma organização, que diz: “Essa é uma temática que deve ser valorizada, trabalhada, pensada”.

[00:45:30] E isso foi muito importante, quando ganha esse caráter institucional. E uma instituição com muito vigor, que me coloca de frente pra algo então não vivido antes, que era o movimento social, que era algo desconhecido enquanto organização da sociedade civil. O movimento social hoje... Eu demorei pra entender isso, eu fui entender isso inclusive em análise, inclusive em análise. Mas o movimento social sempre esteve próximo. Eu venho de uma família que fez movimento social, principalmente na figura dos meus avós – se der tempo eu conto isso – através da música, da arte, da cultura e também da política.

Mas é no AMMA – à época Instituto AMMA Psique e Negritude – que se “linka” a psicologia e a psicanálise, porque a psicanálise, embora ela não fosse alçada em primeira instância, o pensamento... A psicanálise estava enlaçando esse pensamento a todo o tempo, todo o tempo, todo tempo.

Então: AMMA, atenção psicossocial, SUS, psicologia, psicanálise, tudo isso, esse emaranhado, tudo isso se ligando permite com que eu vá pra um projeto de mestrado que tente escutar as trabalhadoras sobre a questão racial. E a Cris fala: “Isso faz sentido e faz sentido pra gente pensar através da análise institucional”. E aí foi muito importante, porque eu me deparo com uma psicanálise... Uma outra tradição e concepção, que são os institucionalistas.

Então eu vou, junto à Cris Vicentin ampliar... E em momento nenhum ela chamou isso de psicanálise. Mas ela estava e ainda está, na minha opinião, cercada deles e delas. Então, muito



PSICANALISTAS QUE FALAM

amiga da Miriam Debieux, muito amiga de uma série de psicanalistas que ali estavam e me convocando, a partir da análise institucional, para alguns psicanalistas, muito parecido com a Isabel: “Lê o Pichon [Enrique Pichon Rivièrè], a questão de grupo”... “Vamos pensar isso junto ao [Michel] Foucault, vamos pensar isso junto ao [René] Lourau”.

E aí começa um campo de pensamento teórico-conceitual que começa a tecer as experiências até então vividas lá desde aqueles estágios num outro aporte, num outro aporte. Começa às vezes até a dar nome e outros sentidos pra aquele jogo de futebol que eu achava que era só... que eu estava mais interessado lá no vestiário, todo mundo pelado. Não, aquilo ganha nome, ganha... Eu começo a entender por que ali também está o cuidado em saúde, pra além dos pacientes – eu não gosto muito desse termo, mas, enfim... – dos usuários ali do CAPS precisarem suar pra expelir a medicação do psicotrópico, pra poder expelir em suor por vezes um excesso medicamentoso, que já seria algo enorme, diga-se de passagem.

[00:50:30] Mas a conversa que havia ali no vestiário, as brincadeiras, a intimidade, a intimidade que é possível ter desnudado não só da roupa, não só da roupa. Então uma clínica desnuda.

E quando eu... A Cris foi me apresentando ali a leitura do Lourau, do Foucault e outras que a gente foi conhecendo junto, como o [Frantz] Fanon, o [Achille] Mbembe – o Fanon eu até tinha tido contato, mas ali a gente vai se debruçar mais... O pensamento negro que já estava ali na emergência de um certo tempo de políticas afirmativas na universidade. Na PUC não havia cotas, mas houve o Prouni e a entrada dos “prounistas” transformou muito o currículo e a atmosfera, o ambiente da universidade.

Então as professoras estavam com cabelo em pé, exigidas a rever suas ementas com os alunos vindo de outros bairros da cidade e não só daquele circuito Pompeia, Perdizes, Barra Funda, aquele eixo ali da zona Oeste... E sendo exigidas a outras leituras de relação dentro da PUC. Então isso foi uma sorte também de ter vivido esse tempo de políticas, depois de um governo Lula um, Lula dois, que implementaram... Seguidamente pelo governo Dilma... que implementaram e fizeram uma transformação dentro das universidades.

Então eu encontro uma PUC... A PUC que me reprovou não era mais a PUC... Não é que me reprovou também, que reprovou a pesquisa... Não era mais aquela. Embora ainda precisasse e talvez ainda precise de muita transformação. Mas era diferente. E era diferente também porque a psicanálise ali estava num outro arranjo. Estava no arranjo da análise institucional, estava no arranjo... estava fazendo relação, relação com as outras abordagens. Ela não estava fixa, ela não estava ensimesmada, ela não estava submergida em si mesma. Era uma psicanálise que não estava no curso de psicanálise.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Isso, isso para mim faz muito sentido, isso pra mim faz muito sentido. É o que vai permitindo o que eu tenho chamado de desnorteamento. Não sei se a minha fala permite alcançar isso, mas é um percurso desnorteado. Por isso que eu tenho chamado de sorte, porque ele não estava previamente desenhado. Ele foi se dando... Eu não escolhi fazer psicologia porque eu sempre quis, eu escolhi fazer psicologia porque a psicologia me ajudou, mas a psicologia que eu achei que me ajudou nem era psicologia, porque nem era psicóloga a pessoa. Então uma coisa louca. E aí louca no sentido mais interessante do termo. Louca, como diz a Clarice Lispector, que não é doida, que não é psicopatológica. Então uma afirmação da loucura, de um caminho que não está traçado, que ele não está prévio, que você vai...

[00:55:15] Eu não entrei no CAPS porque eu tive aula sobre CAPSs e eu queria estagiar em CAPS e porque... Não. A entrevista que eu fiz no CAPS eu fui de terno. A coisa foi tão louca que eu cheguei de terno pra entrevista e a entrevistadora achou que eu estava de terno por uma questão religiosa, como se eu fosse crente – crente é um jeito talvez ruim de chamar, mas popularmente é conhecido como crente mesmo, não tem problema. Como se eu fosse evangélico, de uma religião evangélica, cristã evangélica. Mas olha que coisa importante: o terno e gravata não impediram de ela falar: “Você pode...” Foi a Bernadeth [de Lourdes Franco] que fez essa entrevista, uma psicóloga, que à época dirigia o CAPS da Vila Prudente. O terno e gravata não impediu ela de sacar que eu poderia fazer relação com as pessoas que ali estavam. Então não era porque eu não estava com uma veste mais característica do que seria um grupo progressista, algo do gênero (risos), não impediu... Eu fiquei em segundo lugar nessa vaga. Tinha uma vaga, eu fiquei em segundo lugar, então ela falou que eu precisaria aguardar que, caso a primeira pessoa desistisse ou não ocupasse essa vaga, eu entraria. E a primeira pessoa, por algum motivo, não ficou. Chegou a experimentar o estágio, mas não ficou. E eu lembro de ela brincar comigo quando ela fez o telefonema, ela falou: “Olha, não vem de terno, se der não vem de terno” [risos].

E aí eu fui entendendo que eu podia trabalhar até de bermuda. E por que eu estou chamando “até de bermuda”? Porque isso me ocupa até hoje, assim, às vezes eu atendo de bermuda, e às vezes até dentro do consultório, não muito. Isso eu trago dessa possibilidade de entender que a escuta absolutamente, que o que a gente chama de setting, absolutamente não está na mobília e na veste, que o setting ele é transferencial, ele é a relação que se estabelece, de capacidade de fazer corpo e acolher, da escuta fazer corpo e do corpo fazer escuta, de se conectar de modo desnorteado, não fixo.

E eu estou insistindo na coisa do desnorteado, mas talvez digo o porquê. Esse é um conceito – talvez não, vou tentar dizer o porquê – esse é um conceito que eu tenho trabalhado no meu doutorado, mas é um conceito que ele foi provocado, que eu praticamente recebi, não a



PSICANALISTAS QUE FALAM

sua elaboração, mas a sua indicação. Porque no Centro de Atenção Psicossocial, no SUS como um todo, no SUS como um todo, as pessoas chegavam a mim – mas também no consultório, mas principalmente no SUS – as pessoas chegavam pra equipe e diziam a nós, e a mim porque eu compunha essa equipe: “Eu vim para cá porque eu tô desnordeada”. “Eu vim para cá porque eu tô desnordeado”. Escutei isso por algumas vezes e aí – eu já disse que eu tinha estudado um pouco do [Jacques] Lacan, significado, significante, *tan-tan-tan...* desnordeado... Afinal, desnordeado aqui está fazendo relação com o que? Com o sofrimento psíquico? Está fazendo relação com um pedido pra que eu norteie? Mas estar desnordeado, não é bom? É possível estar desnordeado e não estar sofrendo? As pessoas que estão desnordeadas, como estão? Eu tenho ferramental, instrumento, posição desnordeada pra poder acolher ou eu também estou nordeado?

[01:00:15] Enfim, era uma série de perguntas em torno da ideia de desnordeado. E aí no doutorado eu falo: “Puxa, Cris...”. Conto isso para ela. E eu estava querendo pensar as epistemologias ali na atenção psicossocial, na psicologia. Eu falo... E ela fala: “Mas aqui o desnordeado epistemologicamente, como é que fica? A gente tem... Você vai buscar referenciais teóricos que sejam desnordeados?”.

E aí a gente encontra então um desnordeamento atlântico, que também não é então uma outra posição fixa, não é uma epistemologia preta ou africana, ou do sul. Não. Ela é uma posição. E aí também não é só episteme, né? É essa posição ético-política atlântica.

E aí então eu vou ler a Beatriz Nascimento, o Paul Gilroy, que são os pensadores atlânticos. E aí com a Beatriz Nascimento, eu vejo ela conversando com o [Gilles] Deleuze, com o [Félix] Guattari e foi muito importante, sim. Porque o desnordeamento então começa a operar enquanto uma possibilidade de aposta e sustentação na loucura. Aquela coisa Chico Science: “Me desorganizando posso me organizar”. Apostar nessa desorganização, apostar nisso que não norteia fixamente. Apostar na relação com o norte, na relação entre norte e sul. Na relação entre negros e brancos. Na relação na diferença. Apostar na relação da diferença. Mas não de modo ingênuo, porque há hierarquias, há uma série de fatores. Então... Só que pra apostar nisso, você tem que estar louco, você tem que estar louca. Então isso também confere essa aposta no Atlântico, uma aposta louca, confere uma aposta naquilo que muitas das vezes a gente queria fraturar, medicalizar, operar numa fixação, uma fixação da normalidade. Então, apostar na loucura, apostar na negritude de modo não fixo, se isso é possível.

Então dei um grande salto na minha fala, mas é que isso vai pra minha pesquisa mais recente. Eu estava começando a falar do mestrado e conduzi já pro doutoramento, que é um outro tempo do encontro com a Cristina, com a Cris Vicentin. Um encontro longo, um encontro que começa lá no PET Saúde, ali no PET por cerca de um ano e pouco, avança por mais dois anos



de mestrado. Depois cruza um período da Pandemia de Covid-19. E avança aí até hoje. Mas aí conclui ali por uns três, quatro anos de doutoramento... Quase oito anos ali de encontro junto na pesquisa e agora a gente segue, fazendo junto, pesquisa junto... Ela continua me apoiando muito, mas dessa forma.

Mas eu contei um pouco do desnorreamento e acho que é importante eu falar de um outro aspecto, porque eu estou falando da atenção psicossocial, mas a atenção psicossocial ela também é feita de um movimento, de um movimento de luta, que é um movimento de luta antimanicomial, que é outra entrada dentro dessa, desse convite à transformação que há no movimento negro, mas que também há no movimento da luta antimanicomial.

[01:05:12] E, ao querer estudar as relações raciais na atenção psicossocial, e eu começo a fazer isso no mestrado, começo de forma mais organizada, né? Porque eu já vinha fazendo isso com o próprio corpo desde o curso de psicologia. Mas fazendo isso no mestrado, eu começo a perceber, a constatar, a partir da pesquisa, que a gente... que eu estava me deparando com as duas áreas mais desinvestidas da saúde: a saúde da população negra e a saúde mental. Historicamente, essas são as duas áreas mais desinvestidas da saúde e isso não é à toa, absolutamente isso não é à toa! Porque também está se falando de algo que se criou no Brasil que é: a “nega maluca” e o “crioulo doido”. Que historicamente também estão a serviço de qualquer sorte, e aí é uma sorte contrária da que eu tenho insistido desde o início aqui da minha fala.

Só que aí é quase aquela máxima: “o que vem antes: o ovo ou a galinha?”. Se você ficar procurando o que vem antes se é a loucura ou o negro? Não a loucura, mas o louco ou o negro? Você vai ver que essa criação no Brasil ela está imbricada. A criação do negro no Brasil está imbricada à criação do louco, e a criação do louco no Brasil está imbricada à criação do negro. Elas são criações que têm imbricações e absolutamente eu não estou dizendo que não existem pessoas loucas que sejam de outras raças e etnias, não se trata disso. Eu só estou dizendo da criação disso que é mais do que sofrimento mental. Eu estou falando de uma criação de uma ideia, que essa ideia é atrelada a territórios, a alguns corpos, a alguns modos de vida. Então alguns modos de vida são modos de vidas de loucos e negros, alguns corpos, são os corpos de loucos e negros, alguns territórios são os territórios de loucos e negros. E esses territórios então podem ser invadidos, podem ser agredidos, esses corpos podem ser invadidos, podem ser agredidos, podem ser descartados. Esses territórios são considerados perigosos. Esses modos de vida se entende que precisam ser reformados, curados, remodelados.

Então eu começo a me perguntar: por que luta antimanicomial e luta antirracista me pareciam não tão aproximadas? Então eu começo a me interessar a pesquisar como é que a saúde



PSICANALISTAS QUE FALAM

da população negra foi discutida na saúde mental e como é que a saúde mental foi ou não discutida na saúde da população negra? E vou encontrando. Encontro desde o Juliano Moreira, uma série de pessoas que foram fazendo uma série de construções importantes nesse campo. Mas e nas lutas? O movimento negro compreende que a redução de danos pode ser interessante para a luta antirracista? O movimento negro entende que... Está evidente pro movimento negro que o manicômio – ou, vou pegar uma forma de manicômio contemporânea: que a comunidade terapêutica – ela não serve pra uma proposta de mundo antirracista, porque ela é forjada racistamente, ela é estruturada de modo racista?

[01:10:10] A luta antimanicomial, por sua vez, percebe que não é possível um mundo sem grades, prisões, manicômios, mundo livre, com o passarinho fora da gaiola, como o emblema da luta antimanicomial sem luta antirracista? Percebe aquilo que o Lima Barreto apontou, quando ele escreve de dentro do hospício, quando ele está lá escrevendo o *Diário do hospício*, e ele escreve: “Aqui o preto é a cor mais cortante. Tudo aqui é preto, são corpos pretos nus”. E ele vai apontando que não são apenas os corpos, que tudo, que a estrutura do manicômio tem raça, tem cor. Mesmo quando aquela pessoa não é negra, ela está numa condição pensada ao negro.

Por isso que a professora Rachel Gouveia vai falar num diálogo ali com a Daniela Arbex, que vem no diálogo com a visita do [Franco] Basaglia, quando ele fala: “Isso aqui não é um hospital psiquiátrico, isso aqui é o holocausto”. Quando ele entra no manicômio em Barbacena. Então o Basaglia fala: “Isso aqui é o Holocausto”. E a Daniela Arbex traz isso em capa de um livro premiadíssimo, excelente livro. E a professora Rachel Gouveia vai perguntar: “Holocausto? Sim. Mas: ou também Navio Negreiro?”.

Então esse entendimento, essa aproximação, essa lateralização da questão racial e da questão manicomial, ela está em luta aproximada nessa perspectiva “luta antimanicolonial”, que eu escutei a primeira vez no Rio Grande do Sul, esse termo, foi a primeira vez que eu escutei, na cidade de Porto Alegre. Eu escutei isso de jovens da UFRGS, do curso de psicologia, na sua imensa maioria, mas não só, tinha também terapeutas ocupacionais – o pessoal da saúde mental ali do Rio Grande do Sul –, que elas diziam: “A luta tem que ser antimanicolonial”. Ali era o movimento estudantil negro dando a direção. E aí é indicado a mim um trabalho de extensão da Bárbara Santos, da Bárbara Gomes, da Bárbara Santos Gomes, da Bárbara, eu chamo ela de Bárbara, da Bárbara [dos Santos Gomes]. Um trabalho orientado pela Marlete [Andrize de Oliveira], e quando eu pego esse trabalho, ao final dele ele já traz o título: “Luta Antimanicolonial”. Mas ao final dele que uma afirmação: “A luta antimanicomial precisa ser luta antimanicolonial!”. E um ponto de exclamação. Aí aquilo me ocupa enquanto direção ético-política pra luta antimanicomial.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E no doutorado eu retomo essa perspectiva, gaúcha, da Bárbara, do movimento estudantil, das jovens, das mulheres, estudantes jovens, e tento conceituar ao lado da Bárbara, mas isso num doutoramento. Porque uma pesquisa de extensão tem seus limites, enfim, tal qual de doutorado tem os seus limites também. Então vou tentando colocar isso ao lado e tentando avançar em diálogo com outras pensadoras.

Enfim, tudo isso pra contar um pouco de uma psicanálise que é SUSista, que é feita nos quintais, que brinca, que pode usar bermuda, mas que tem uma direção libertária e não fixa, que faz relação na diferença, que não está fixada à raça, que não está fixada à própria psicanálise, mas que está tecida nos movimentos libertários. Nesse sentido, na negritude, nesse sentido, na própria loucura. A loucura e a negritude enquanto perspectiva de transformação libertária.

[01:15:15] [HEIDI] Lindo! Muito obrigada.

[EMILIANO] Imagina, eu que agradeço. A vocês também que estão aí fazendo todo esse trampo, tem uma turma aqui.

[HEIDI] Não precisava de pergunta, você viu?

[EMILIANO] E eu insistindo e falando: “E aí, não vai ter uma pergunta?”.

[HEIDI] Obrigada, muito obrigada.

[EMILIANO] Eu que agradeço.

[HEIDI] Muito bom. E eu não sabia da origem desse conceito tão... Eu tinha te dado alguma pista, né?

[EMILIANO] É verdade...

[HEIDI] Mas eu não podia imaginar que houvesse essa construção. Aprendi muito. E a origem do conceito de antimanicomial vir lá do Rio Grande do Sul... Trabalhei lá com essa questão com a Isildinha [Baptista Nogueira], a questão da universidade e os pretos...

FIM



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #13 – EMILIANO DE CAMARGO DAVID

FICHA TÉCNICA DO EPISÓDIO

Duração: 77'

Ano de Produção: 2024

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas T. Waks

Direção de fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e Som direto: Cauê Steinberg e Fernanda Cristiane

Edição: Fernanda Cristiane

Trilha Musical: Vitor Kisil

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas T. Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam